

QUINCAS BORBA (1891), de Machado de Assis



Romances Românticos - Fase Preparatória

Ressurreição (1872)

A Mão e a Luva (1874)

Helena (1876)

Iaiá Garcia (1878)

Realistas - Fase Madura

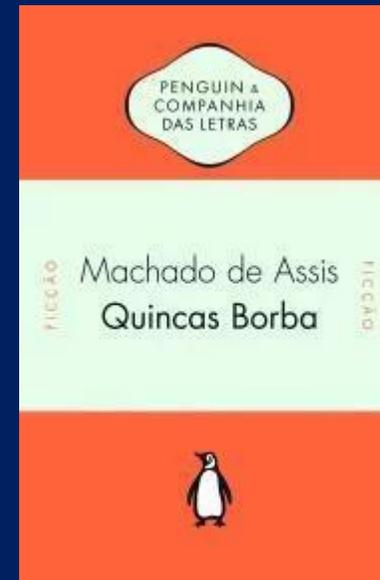
Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)

Quincas Borba (1891)

Dom Casmurro (1899)

Esaú e Jacó (1904)

Memorial de Aires (1908)



Primeira fase

- Linearidade temporal;
- Lógica do tempo;
- Foco narrativo em 3ª pessoa;
- Tônica: composição do quadro;
- Delineamento psicológico;
- Conflitos / paixões / história ;
- Imaginação.

Segunda fase

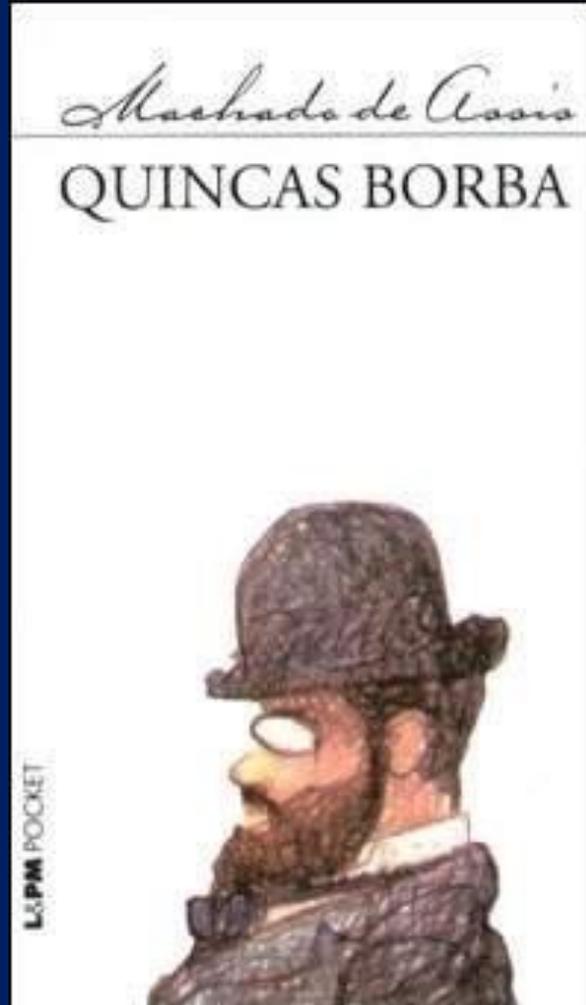
- Quebra da linearidade temporal;
- Lógica do autor;
- Foco narrativo em 1ª e 3ª pessoa;
- Tônica: composição de caracteres;
- Aprofundamento psicológico;
- Análise do comportamento humano;
- Análise e observação.

Características

- linguagem simples, concisa;
- tempo: século XIX ;
- espaço: RJ - universal e brasileiro;
- sociedade patriarcal: o favor, o compadrio, as influências;
- análise da burguesia com ares de nobreza;
- personagens ricos - ociosos – disponíveis;
- método: análise psicológica.

- Quincas Borba (1891)

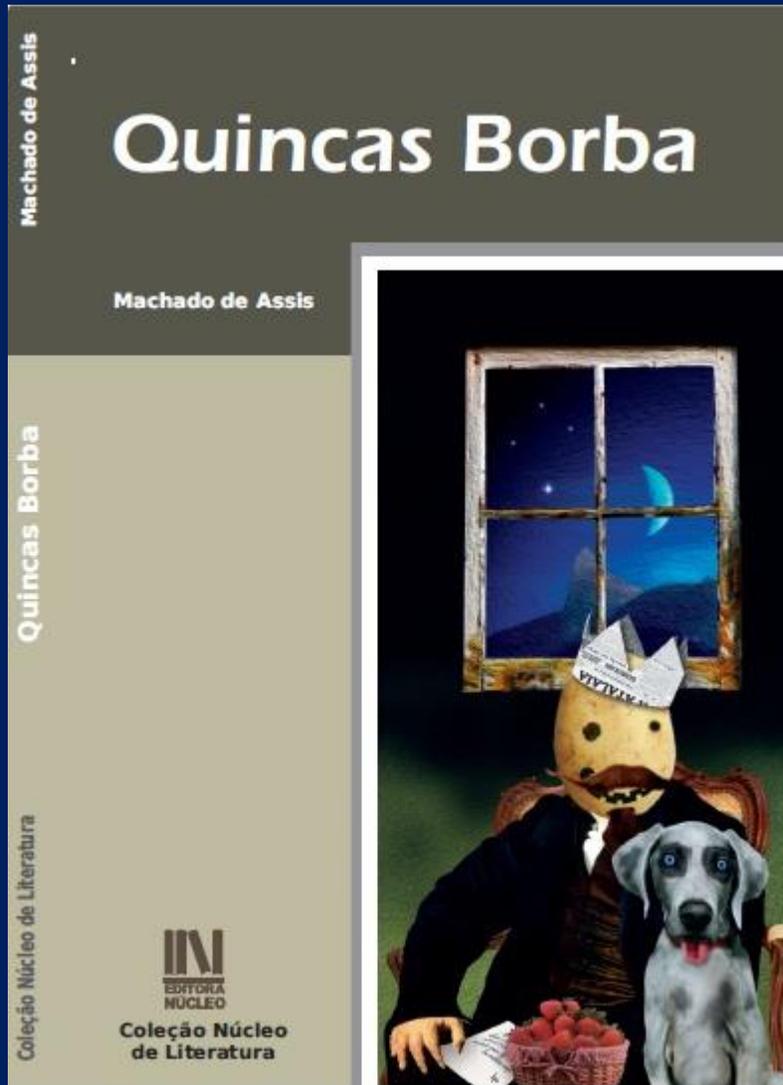
Estrutura:



- 201 capítulos;
- publicados originalmente em folhetim - **A Estação** - entre 1886 e 1891.

- **Quincas Borba (1891)**

Visão geral:

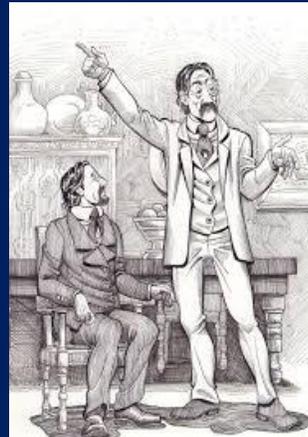


Narra a ascensão financeira e a queda de Rubião, que será explorado pela sua rede de relações até chegar ao cume da loucura e à morte.

- **Teoria do Humanitismo** (Quincas Borba)

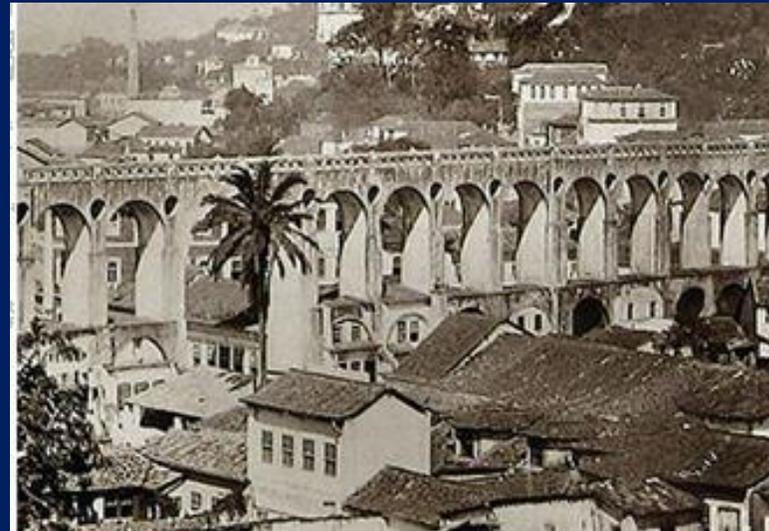
“— Ao vencedor, as batatas! concluiu rindo.” (Capítulo CXCIX).

- Espécie de **LEI DO MAIS FORTE**.
- Estrutura o enredo do livro.
- **Sátira** às Leis Deterministas do século XIX
Positivismo / Darwinismo social.



- TEMPO E ESPAÇO

- A ação se desenvolve de 1867 até 1871.
- Em **Barbacena**, depois no **Rio de Janeiro**, e se encerra em **Barbacena**



FOCO NARRATIVO:

- *1ª pessoa
- * 3ª pessoa onisciente
(intruso - julga o fato narrado)

FOCO NARRATIVO:

- *1ª pessoa

“Este Quincas Borba, se acaso **me** fizeste o favor de ler as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia.”

(Capítulo IV)

3ª pessoa onisciente (intruso - julga o fato narrado)

Herdeiro já era muito; mas universal. . . Esta palavra inchava as bochechas à herança. Herdeiro de tudo, nem uma colherinha menos. E quanto seria tudo? ia ele pensando. Casas, apólices, ações, escravos, roupa, louça, alguns quadros, que ele teria na Corte, porque era homem de muito gosto, tratava de cousas de arte com grande saber. E livros? devia ter muitos livros, citava muitos deles. Mas em quanto andaria tudo? Cem contos? Talvez duzentos. Era possível; trezentos mesmo não havia que admirar. Trezentos contos! trezentos! E o Rubião tinha ímpetos de dançar na rua. Depois aquietava-se; duzentos que fossem, ou cem, era um sonho que Deus Nosso Senhor lhe dava, mas um sonho comprido, para não acabar mais.

(Capítulo XV)

Continuação?!

Segundo Machado: “Se lestes os dois livros, sabeis que é o único vínculo entre eles, salvo a forma, e ainda assim a forma difere no sentido de ser aqui mais compacta a narração”;

É preciso entender *Quincas Borba* nos seus próprios termos.

Dona Fernanda:

gaúcha, robusta e cheia de vida – um vento fresco vindo dos pampas. Tem uma visão do casamento brutalmente realista: “um marido, ainda sendo mau, sempre é melhor que o melhor dos sonhos”.

Jean: cozinheiro

Criado espanhol:

nomeado pela função.

Quincas Borba,

cão: Fiel e generoso.

Rubião acredita que o cão possa ter recebido a alma de seu antigo dono, Quincas Borba, o filósofo.

Quincas Borba:

Filósofo, louco, inventor do Humanitismo

Freitas:

Bajulador, interesseiro e oportunista.

PERSONAGENS Visão Geral

Rubião:

Vaidoso e ostentador professor de província. Representa o caipira a ser enganado.

Cristiano Palha: Comerciante.

advogado ambicioso e sem caráter.



Sofia: Dissimulada, adora luxo e ostentação. Casada com Palha.

Doutor Camacho:

Político com frases retumbantes, deseja eleger Rubião deputado. Dono do panfleto político *O Atalaia*. Caracteriza-se pelos livros que não lê.

Major Siqueira:

Esperto, terrível e maledicente.

Mana Piedade:

Irmã de Rubião que casaria com Quincas Borba, filósofo.

Dona Tonica:

Filha do major Siqueira, solteirona.

Maria Benedita:

Prima de Sofia que morava na roça, casa-se com Carlos Maria, aprende bons costumes com a prima.



Carlos Maria: Egocêntrico, esnobe, arrogante, senhor de si.

Representação do conflito do enredo:

O casal que ascende por meios corrompidos. Sofia é a “isca” para Rubião.

Cristiano
Palha e
Sofia

A garantia da herança, aquilo que realmente interessa aos “parasitas”.

Rede social
exploradora

O caipira deslocado na cidade.
Logrado até a loucura.

Quincas
Borba
(cão)

Rubião

O tema da escravidão: **rasura**

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; [...] Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja, - primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. **Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos.** Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pode deixar na cozinha, onde reinava um francês, Jean; foi degradado a outros serviços.

ENREDO: PONTOS PRINCIPAIS



Casamento de Piedade e Quincas Borba não dá certo.

“— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...”

(Capítulo I)

Rubião – cuida de Quincas com segundas intenções

“Durou o cargo de enfermeiro mais de cinco meses, perto de seis. Era real o desvelo de Rubião, paciente, risonho, múltiplo, ouvindo as ordens do médico, dando os remédios às horas marcadas, saindo a passeio com o doente, sem esquecer nada, nem o serviço da casa, nem a leitura dos jornais, logo que chegava a mala da Corte ou a de Ouro Preto.”

(Capítulo IV)

Quincas vai à Corte e LOUCO morre na casa de Brás Cubas.

“A NOTÍCIA corra a cidade; o vigário, o farmacêutico da casa, o médico, todos mandaram saber se era verdadeira. O agente do correio que a lera nas folhas, trouxe em mão própria ao Rubião uma carta que viera na mala para ele; podia ser do finado, conquanto a letra do sobrescrito fosse outra.

— Então afinal o homem espichou a canela? disse ele, enquanto Rubião abria a carta, corria à assinatura e lia Brás Cubas. Era um simples bilhete

O meu pobre amigo Quincas Borba faleceu ontem em minha casa, onde apareceu há tempos esfrangalhado e sórdido frutos da doença. Antes de morrer pediu-me que lhe escrevesse, que lhe desse particularmente esta notícia, e muitos agradecimentos; que o resto se

faria, segundo as praxes do foro.

Os agradecimentos fizeram empalidecer o professor; mas as praxes do foro restituíram-lhe o sangue. Rubião fechou a carta sem dizer nada; o agente falou de uma cousa e outra, depois saiu. Rubião ordenou a um escravo que levasse o cachorro de presente à comadre Angélica, dizendo-lhe que, como gostava de bichos, lá ia mais um; que o tratasse bem, porque ele estava acostumado a isso; finalmente que o nome do cachorro era o mesmo que o do dono, agora morto, Quincas Borba.”

•(Capítulo XIII)



CONDIÇÃO: Cuidar do cachorro Quincas Borba

“Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amoedado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha.”

(Capítulo XIV)

Rubião vai à corte e leva Quincas. Conhece Sofia e Cristiano Palha no trem. Tornam-se grandes “AMIGOS” e “SÓCIOS”:

“— Mas diga-me uma cousa, essa proposta traz algum motivo oculto? é rompimento de pessoas, de amizade... Seja franco, diga tudo .

— Que caraminhola é essa? redarguiu o Palha. Separação de amizade, de pessoas... Mas você está tonto. Isto é do balanço do mar. Pois eu, que tenho trabalhado tanto por você, eu que o faço amigo dos meus amigos, que o trato como um parente, como um irmão, havia de brigar à toa? Aquele mesmo casamento de Maria Benedita com o Carlos Maria devia ser com você, bem sabe, se não fosse a sua recusa. A gente pode romper um laço sem romper os outros. O contrário seria despropósito. Então todos os amigos de sociedade ou de família são sócios de comércio? E os que não forem

comerciantes?

Rubião achou excelente a razão, e quis abraçar o Palha. Este apertou-lhe a mão satisfeitíssimo; ia ver-se livre de um sócio, cuja prodigalidade crescente podia trazer-lhe algum perigo. A casa estava sólida; era fácil entregar ao Rubião a parte que lhe pertencesse, menos as dívidas pessoais e anteriores. Restavam ainda algumas daquelas que o Palha confessou à mulher, na noite de Santa Teresa, cap. L. Pouco tinha pago; geralmente era o Rubião que abanava as orelhas ao assunto. Um dia, o Palha, querendo dar-lhe à força algum dinheiro, repetiu o velho provérbio "Paga o que deves, vê o que te fica". Mas o Rubião, gracejando

— Pois não pagues, e vê se te não fica ainda mais.

— É boa! redarguiu o Palha rindo e guardando o dinheiro no bolso.

(Capítulo XII)

Além deles, outros o exploravam:

“Rubião baixou os olhos diante do nariz interrogativo do Camacho.

— Não, senhor; sou firme, desejo ajudar os amigos.
Receber a folha de graça...

— Mas, se já lhe disse que de assinaturas vamos bem, retorqui Camacho.

— Sim, senhor, mas não disse também que faltam duas pessoas para o capital?

— Duas, sim; temos oito.

— Quanto é o capital?

— O capital é de cinquenta contos; cinco por pessoa.

— Pois entro com cinco.”

Rubião se declara para Sofia e é interrompido:

“Rubião lembrou-se de uma comparação velha, mui velha, apanhada em não sei que décima de 1850, ou qualquer outra página em prosa de todos os tempos. Chamou aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu. Tudo isso baixinho e trêmulo.

Sofia ficou pasmada. De súbito endireitou o corpo, que até ali viera pesando no braço do Rubião. Estava tão acostumada à timidez do homem... Estrelas? olhos? Quis dizer que não caçoasse com ela, mas não achou como dar forma à resposta, sem rejeitar uma convicção que também era sua, ou então sem animá-lo a ir adiante. Daí um longo silêncio.”

(Capítulo XXXIX)

Palha consente com as declarações de Rubião:

“— Alguns presentes, algumas joias, camarotes no teatro, não são motivos para que eu fite o Cruzeiro com ele.

— Prouvera a Deus que fosse só isso! suspirou o zangão.

— Que mais?

— Não entremos em minudências... Há outras cousas...

Conversaremos depois... Mas fica certa que nada me faria recuar, se visse no que contaste alguma gravidade. Não há nenhuma. O homem é um simplório.

— Não.

(...)

— Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.

Sofia tapou-lhe a boca e olhou assustada para o corredor.

— Está bom, disse, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.

— Você sabe, apertos do negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! É por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti.

— Vamos, que é tarde.

— Vamos, repetiu o Palha dando-lhe um beijo na face.

— Estou com muita dor de cabeça, murmurou ela. Creio que foi do sereno, ou desta história. . . Estou com muita dor de cabeça.

(Capítulo L)

Rubião começa a delirar:

“— Senhor Rubião...

— Napoleão, não; chama-me Luís. Sou o teu Luís, não é verdade, galante criatura? Teu, teu... Chama-me teu; o teu Luís, o teu querido Luís. Ai, se tu soubesses o gosto que me dás quando te ouço essas duas palavras: “Meu Luís!” Tu és a minha Sofia, — a doce, a mimosa Sofia da minha alma. Não percamos estes momentos; vamos dizer nomes ternos; mas, baixo, baixinho, para que os malandros da almofada do carro não escutem. Para que há de haver cocheiros neste mundo? Se o carro andasse por si, a gente falava à vontade, e iria ao fim da terra.

Já então iam costeando o Passeio Público: Sofia não deu por isso. Olhava fixamente para Rubião; não podia ser cálculo de perverso, nem lhe atribuía mofa... Delírio, sim, é o que era (...)

(Capítulo CLIII)

Rubião, dominado pelo seu delírio de grandeza, é levado para uma casinha humilde e lá desamparado por todos:

“Rubião notou que eles não o acompanharam à casa nova, e mandou-os chamar; nenhum veio, e a ausência encheu de tristeza o nosso amigo, — durante as primeiras semanas. Era a família que o abandonava. Rubião procurou recordar se lhes fizera algum mal, por obra ou por palavra, e não achou nada.”

(Capítulo CLXVI)

Rubião é considerado louco:

“RUBIÃO foi recolhido a uma casa de saúde. Palha esquecera a obrigação que Sofia lhe impôs, e Sofia não se lembrou mais da promessa feita à rio-grandense. Cuidavam ambos de outra casa, um palacete em Botafogo, cuja reconstrução estava prestes a acabar, e que eles queriam inaugurar, no inverno, quando as câmaras trabalhassem, e toda a gente houvesse descido de Petrópolis. Mas agora a promessa foi cumprida; Rubião deu entrada no estabelecimento, onde ficou ocupando uma sala e um quarto especiais, recomendado pelo Doutor Falcão e pelo Palha. Não resistiu a nada; acompanhou-os com satisfação, e entrou nos seus aposentos, como se os conhecesse desde muito. Quando eles se despediram, dizendo que já voltavam, Rubião convidou-os para uma revista militar, no sábado.”

(Capítulo CLXXXV)

Rubião decide sair casa de repouso:

Como achar, porém, o nosso Rubião nem o cachorro, se ambos haviam partido para Barbacena? Oito dias antes, Rubião escrevera ao Palha que o procurasse; este acudiu à casa de saúde, viu que ele raciocinava claramente, sem a menor sombra de delírio.

— Tive uma crise mental, disse-lhe Rubião; agora estou bom, perfeitamente bom. Peço-lhe que me ponha fora daqui. Creio que o diretor não se oporá. Entretanto, como quero deixar algumas lembranças à gente que me tem servido, e servido também ao Quincas Borba, veja se me pode adiantar cem mil-réis.

Palha abriu a carteira sem hesitação, e deu-lhe o dinheiro.”

(Capítulo CXCIV)

Rubião retorna para Barbacena com seu cão:

“Rubião, logo que chegou a Barbacena e começou a subir a rua que ora se chama de Tiradentes, exclamou parando:

— Ao vencedor, as batatas!

Tinha-as esquecido de todo, a fórmula e a alegoria. De repente, como se as sílabas houvessem ficado no ar, intactas, aguardando alguém que as pudesse entender, uniu-as, recompôs a fórmula, e proferiu-a com a mesma ênfase daquele dia em que a tomou por lei da vida e da verdade. Não se lembrava inteiramente da alegoria; mas, a palavra deu-lhe o sentido vago da luta e da vitória.”

(Capítulo CXCIV)

Rubião morre desamparado:

“Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, a coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.”

(Capítulo CC)

Pouco depois, morre o cão Quincas Borba:

“Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão prene de questões, que nos levariam longe. Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.”

(Capítulo CCI)

Acerca do romance:

- enredo corresponde – até representa – a realidade social, histórica e psicológica brasileira;
- centrado em três personagens: Rubião, Palha e Sofia
 - ✓ caipira brasileiro (que existe para ser enganado)
 - ✓ “estrangeirado” que o explora e trai;
 - ✓ mulher, no centro, fascinante, mas traiçoeira.

- Significado *realista*, do Brasil, no séc. XIX, colonizado:
 - ✓ Economicamente pela Grã-Bretanha
 - ✓ Culturalmente pela França

QUINCAS BORBA (1891), de Machado de Assis

